

Ensaio Teológico, por Marlanfe Tavares Oliveira

A CRIAÇÃO SEGUNDO A CABALA

Nos dois blocos anteriores, expusemos a mais antiga narrativa da Criação bíblica, a qual denominamos de Gênese III . Explicamos que essa narrativa mítica não está claramente exposta na Bíblia porque o profeta Jeremias ou a escola que ele formou rejeitou esse mito por ele ser muito semelhante aos mitos ugaríticos ou cananeus (pagãos). Realmente o é, e disto dá prova o relato equivalente no mito babilônico da Criação (Enuma Elish), na parte que expusemos, relativa à luta de Marduk e Tiamat , equivalentes a Javé e Tehom. Também concitamos o leitor interessado a ver o filme do Scientific American (Exploração do Espaço), que reproduz o Big-Bang. Encontrará ali uma fascinante semelhança entre ciência e mito. O mito, de fato, é um modo de contar uma verdade em uma linguagem muito velada, como nossos mitos modernos de Papai Noel e da cegonha que traz o bebê dentro de uma grande fralda, no bico. Mas não é uma mentira, uma visão falsa da verdade. Todas as culturas possuem mitos para expressar verdades difíceis de serem ditas, ou que necessitam, por algum motivo, serem veladas. O que parece ficar claro do exposto anteriormente, é que há mais de dois mil anos antes de Cristo as culturas e civilizações tinham conhecimento muito aproximado de COMO foi criado o mundo. E isto é notavelmente intrigante. Vamos expor, agora, como a Tradição, que chamamos de Cabala, explica a Criação do mundo.

Segundo a escola de Cabala que perfilamos, o Onipotente, tendo decidido criar, esvaziou em Si mesmo uma porção de hiper-espço, no relato bíblico da Criação eloísta denominado “RESHIT”, (Gn I,1), deixando ali somente a potência de Si mesmo que seria compatível e indispensável à Criação : o seu Ser, que a revelação mosaica chama de “EYEH”. (Ex. III, 14).

EYEH foi adaptando ao hiper-espço RESHIT as perfeições do Eterno (na Cabala nomeado AYIN-SOF-AUR), adorado e venerado pelos antigos semitas orientais com o nome de EL, o Senhor de todos, o Pai dos deuses (o qual será o Deus Pai de Jesus) as perfeições de EL, dizíamos, que permitiriam o surgimento de outras realidades além d’Ele.

Recapitulemos : o Eterno, AYIN-SOF-AUR, esvazia-se em uma porção de hiper-espço, RESHIT, deixando ali apenas o seu Ser, EYEH. RESHIT é “o Princípio”, a mente divina, o Verbo ou pensamento de Deus onde vai acontecer a Criação. O ato criador é feito pelo ELOHIM EYEH, e, por isto, o original da Bíblia hebraica sentença : **“ em reshit criou elohim o céu e a terra” – Bereshit barah elohim et há shamayin vet há erez. (Gn. I,1.)**. E devemos entender por SHAMAYIN uma zona ou plano superior, sentido da raiz SHAR, da qual governam os deuses SHAR, como, mais uma vez, o explica o mito babilônico : “AN-SHAR e KI-SHAR foram formados, ultrapassando os outros”. E por ERETZ deveremos entender uma zona ou plano inferior, no mito babilônico, plano dos deuses menores, os ANNUNA-KI. Notemos que o relato bíblico de Gn. I nada mais afirma de SHAR-MAYIN, plano ou zona dos deuses superiores, mas esclarece que em ERETZ, plano inferior, havia “deserto, solidão e caos”, na verdade os Elohim TEHOM e BEHOM, acompanhados pelo Elohim HKSHEK (TREVAS): **“o plano erez sendo o de tohu e de bohu e kshek precedendo a face de tehom” – vaeretz aítá tohu v’bohu v’kshek al-fenei tehom. “e o vento de elohim adejando pela face das águas” – v’ruah elohim m’rakfet al-fenei há-maim:** neste ponto inicia-se o Big-Bang, ou “vento de elohim”. **“e disse elohim: seja criada a luz” - viamer elohim iaí aur** . Aqui acontece a criação de Javé e de

Ensaio Teológico, por Marlanfe Tavares Oliveira

seu séquito de criadores do Cosmo. **“E viu elohim a luz criada como boa” – vairah elohim et há-aur ki tob.**

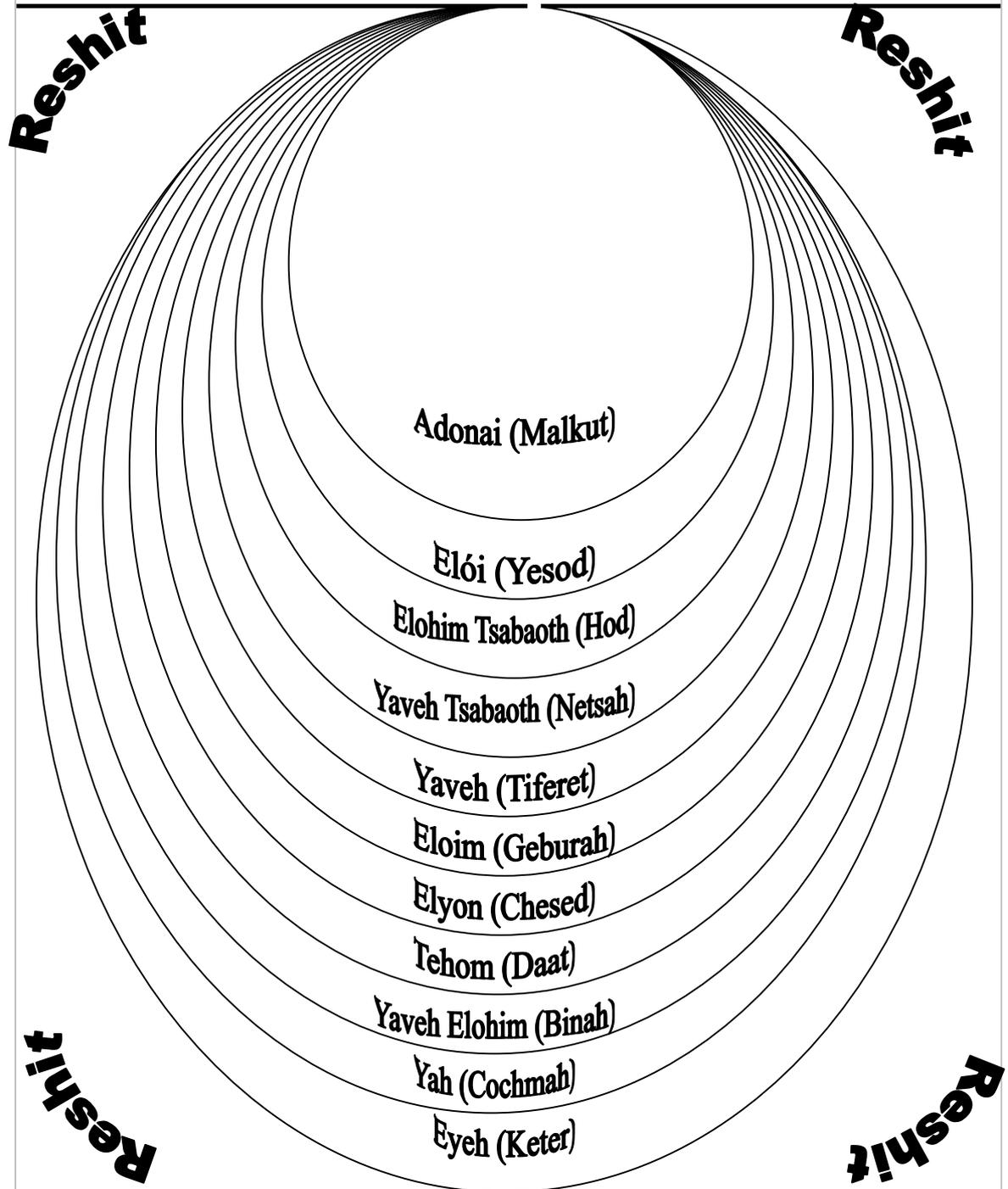
No esquema conhecido como a **ÁRVORE DA VIDA** o ELOHIM EYEH é chamado de KÉTER, ou, Coroa da Criação. E é através deste esquema da **Árvore** que a Tradição faz aparecerem, derivados de KÉTER, os onze universos (assunto já de uma teoria científica, a das cordas).

Assim, as perfeições do Eterno (AYIN-SOF-AUR) são **adaptadas** ao hiper-espaço da Criação RESHIT pelo ELOHIM EYEH, daí surgindo um multiverso do qual nós participamos no nosso universo de oitenta bilhões de anos-luz de diâmetro, que a Cabala denomina MALKUT, ou o Reino.

No momento zero da Criação, EYEH provoca um movimento expansivo, chamado TZIM-TZUM, (o Big-Bang, ou o vento de elohim) e cria, simultaneamente outros ELOHIM semelhantes a Si : o raio de luz que, partindo de KETER, vai criando as demais seфирas - Javé, Tehom ou Tohum, Hkshek, Behom e outros. O Elohim Javé foi criado “para fazer” uma Criação primária, primitiva, que antecederia à Criação aprimorada de ELOHIM : **“e abençoou ELOHIM o dia sétimo o o santificou pois nele descansou da sua Obra que ELOHIM criou para fazer” – v’barak elohim et-iom há-shabiat v’kdosh atô ki bô shabat mikal melakatô asher-barah elohim laishaot (Gn. II,3).** Na Cabala, a Criação de ELOHIM se desenvolve totalmente no plano “SHAR”, ou ATZILUT (o Céu), enquanto a criação primitiva de Javé vai se desenvolvendo no plano “ERETZ”, ou ASSIAH (a terra). E é por esta razão que a Criação de ELOHIM é vista “como muito boa”, ao passo que a Criação de Javé é feita de tentativas frustradas, de aparentes fracassos e de arrependimentos: Gn. II, 4 e seguintes e III.

O Gênese II, na sua maior parte, e o Gênese III são o relato dessa criação do ELOHIM JAVÉ, enquanto que o Gênese I é a criação de EL, através dos seus filhos, os elohim, ou de suas potências. Desgraçadamente, os redatores da Bíblia, com a intenção de fazer parecer uma obra única as duas narrativas da Criação, misturaram termos. Mas, em uma análise criteriosa dos dois relatos perceberemos diferenças notáveis, como provaremos em outro bloco. Por enquanto, basta pôr em relevo a palavra-chave da Criação de El (que ainda não aconteceu, na maior parte) que é o verbo **barah** (criar) e que El fala e é obedecido, enquanto na Criação de Javé o verbo utilizado é **yaash** (fazer) e Javé age na sua Criação pessoalmente (plantando um jardim, formando o homem do barro do solo e fazendo a erva e os animais) e não dando ordens. Acrescente-se a isto que a Criação de El é **muito boa**, enquanto a de Javé é cheia de frustradas tentativas e falhas irritantes.

Ayn }
Sof } **EI**
Aur }



A CRIAÇÃO - TEXTO

Parece que o último texto do curso de Tarosofia (cabala) enviado, com um Teste de conhecimento, foi denso. Houve reclamações. Espero estar, através desse texto sendo mais claro, simplificando o anterior. Para isto, suprimirei as citações e usarei uma língua mais coloquial.

O mais antigo item de Cabala é a Árvore da Vida. Aparece no ano 5000 a.C. na epopéia de Gilgamesh e, como seria de se esperar, foi parar na Bíblia judaica, no Livro de Gênesis. É descrita como uma árvore cujos frutos tornariam o homem imortal.

A Bíblia judaica é o maior acervo de Tradições antigas que temos. Reúne histórias, mitos, rituais, fábulas e instruções de mais de cinquenta diferentes povos antigos. Sem a Bíblia judaica, todo esse acervo estaria perdido, não teria chegado até nós. Porém a Bíblia judaica, principal peça da Cabala ou Tradição, foi censurada, glosada, mixada e através dos seus escritores foi TÃO MANIPULADA QUE SOMENTE COM MUITO ESTUDO E IMPARCIALIDADE PODEREMOS ENTENDÊ-LA. A Cabala é um dos instrumentos que temos para entender o texto escrito da Bíblia. Os eruditos judeus dizem que Moisés deixou duas Bíblias – a Oral, ou Cabala, e a Escrita ou Mikrá..

Ora, não há, portanto NENHUM texto de Cabala (nem o Yetzirah, nem o Zohar, nem o Bahir, nem qualquer outro) que seja mais precioso do que a Bíblia, apesar das alterações que sofreu. Partindo desse postulado, vamos explicar A IMPORTÂNCIA DOS NOMES DIVINOS QUE APARECEM NA ÁRVORE DA VIDA. Cada Sefira tem um NOME DIVINO e um NOME ANGÉLICO.

O NOME DIVINO da Sefira Kéter é EYEH, e seu NOME ANGÉLICO é METATRON. O NOME DIVINO da sefira MALKUTH é ADONAI, e seu NOME ANGÉLICO é SANDALFON. Como as sefiras constituem um sistema hierárquico, temos de considerar o NOME EYEH como o mais poderoso, e o NOME ADONAI, o menos poderoso. Entendido até aqui? Se não, releia com cuidado.

Sendo onze as Sefiras, são onze os NOMES DIVINOS e é MUITO IMPORTANTE que saibamos a ordem exata crescente e decrescente desses nomes, porque são PALAVRAS DE PODER.

Por que EYEH é o NOME mais poderoso?

Tudo começa ANTES DA MANIFESTAÇÃO, a que chamamos CRIAÇÃO. O EXISTENTE, O ETERNO, O SENHOR DE TUDO, O TODO-PODEROSO é considerado como sendo uma Tríada ou Trindade: AYN-SOF-AUR (que o Cristianismo adaptou para Pai, Filho e Espírito Santo. A Maçonaria para Sabedoria, Poder e Bondade. A Rosacruz para Luz, Vida e Amor).

Por isto A BÍBLIA, no referido Livro de Gênesis sentencia: **No Princípio Deus...** Que quer simplesmente dizer que No Princípio do Começo, só Deus existia. E esse Deus é, como se disse, nomeado na Cabala AYN-SOF-AUR. A aristocracia semita passou a chamar este Deus de EL. Às vezes com epítetos: El shadday, El Kay, El Ellyoum, El Kanã, etc. TODOS OS PATRIARCAS BÍBLICOS conheceram Deus sob os nomes acima listados, ou com outros epítetos. NÃO CONHECIAM O NOME “JAVÉ”! Simplesmente porque o Deus dos antigos semitas, dos quais descendem os judeus era EL. Então surge a pergunta: É lícito, correto colocar o NOME EL ou seus derivados ABAIXO do NOME JAVÉ na Árvore da Vida? Decerto que não!

Em uma Bíblia moderna o texto de Gênesis vem escrito assim: **No Princípio Elohim criou o Céu e a Terra.**

Sendo **elohim**, ora o plural de El, para indicar Sua majestade, ora o conjunto de deuses menores (os filhos de El) entre os quais se encontra Javé, O DEUS CRIADOR DO GENESIS I : NÃO PODE SER JAVÉ SOZINHO (elohim é o conjunto)

PODE SER EL DESIGNADO PELO PLURAL DE MAJESTADE.

Optamos pela última solução.

Logo, ao nosso ver, o DEUS Criador do Gênesis I é EL ou Elohim. O Gênesis II introduz outro Criador, JAVÉ, que também aparece no III e daí para a frente em quase toda a Bíblia.

Para o cabalista, que usa PALAVRAS DE PODER esta é uma importante questão ! Nas operações mágicas e orações, o cabalista NÃO pode invocar o AYIN-SOF- AUR, pois sua infinita força o torna não-operacional pelo ser humano. Só poderemos contar com a ajuda de EL e dos seus filhos, normalmente com o NOME TENDO EL NO FINAL. JAVÉ é um dos filhos de EL que NÃO tem o sufixo EL. Há outros, como os já citados SANDALFON. E METATRON.

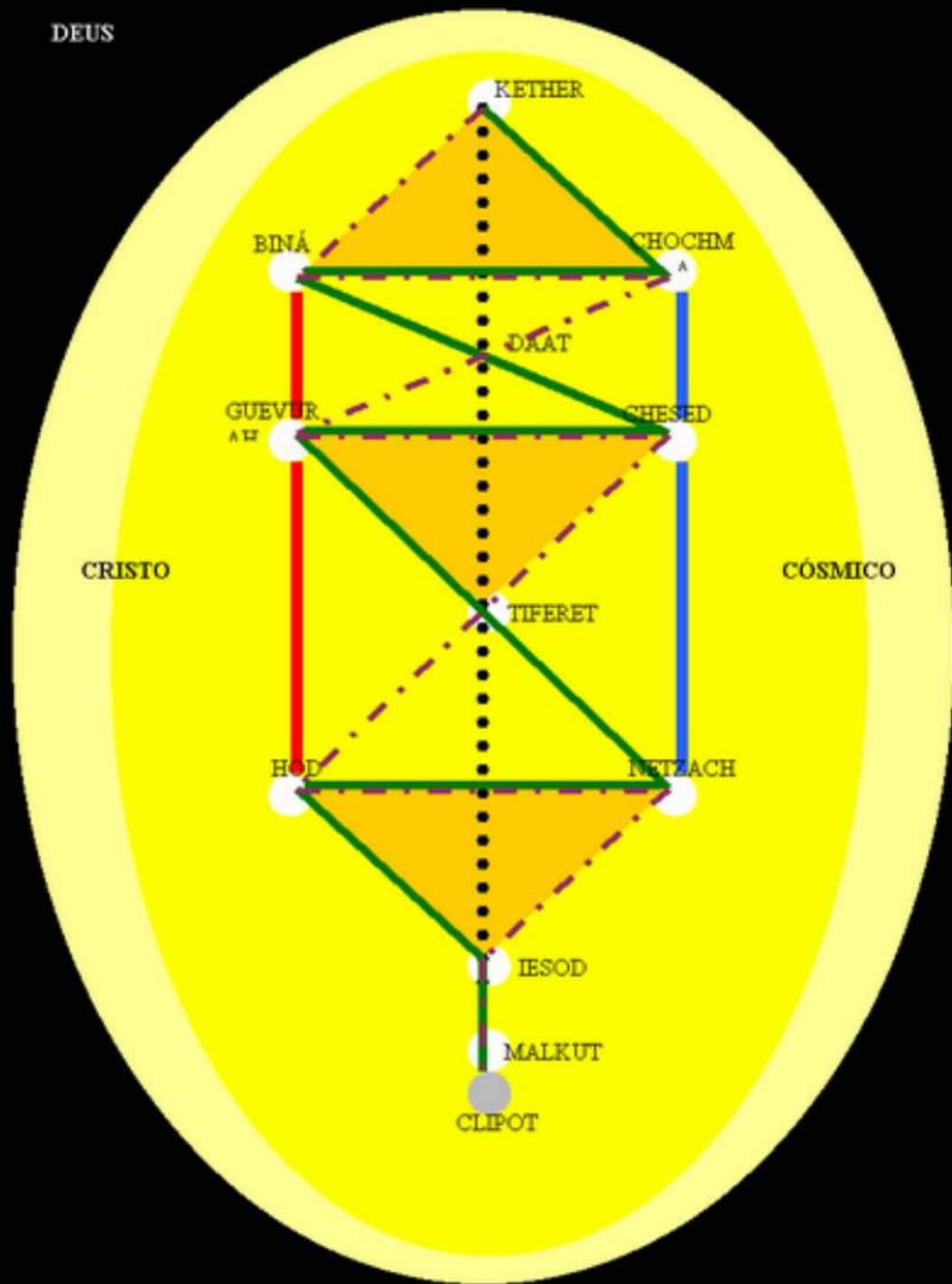
São SETE os elohim que estão ao redor do Trono de EL : ARIEL, URIEL, KAMALIEL, TZAFIEL, GABRIEL, RAFAEL E MIKAEL. Podemos testar o poder deles invocando-os em situações desesperadoras... A magia é uma ciência prática.

Agora, dissemos na aula anterior, que a Criação de EL foi feita em uma dimensão superior, que o original bíblico denomina SHAMAYIN (o Céu), enquanto que a Criação de Javé ESTÁ SENDO FEITA em uma dimensão mais densa (a nossa) que é chamada de ERETZ; Poderiam ser traduzidas como ALTURAS e PROFUNDEZAS, melhor que Céu e Terra.

Ainda foi dito que podemos provar esta afirmação, comparando os textos de Gênesis I com Gênesis II.

Afirmamos também que o esquema de triângulos com bolinhas nos vértices que representa a Criação NÃO é EXATA. A figura que oferecemos (parecendo balões concêntricos sendo inflados um após outro) é o que mais se aproxima do real. A operação dos elohim ao INICIAR a encher um desses balões metafóricos foi chamada de TZIM-TZUM pelo célebre Cabalista Isaac Luria, e de Big-Bang pelos cientistas.

DEUS



BINÁ

KETHER

CHOCHM

DAAT

GUEVUR
AH

CHESED

CRISTO

CÓSMICO

TIFERET

HOD

NETZACH

IESOD

MALKUT

CLIPOT

Ayn }
Sof } El
Aur }

Reshit

Reshit

Adonai (Malkut)

Elói (Yesod)

Elohim Tsabaoth (Hod)

Yaveh Tsabaoth (Netsah)

Yaveh (Tiferet)

Eloim (Geburah)

Elyon (Chesed)

Tehom (Daat)

Yaveh Elohim (Binah)

Yah (Cochmah)

Eyeh (Keter)

Reshit

Reshit

A HIERARQUIA DOS NOMES DIVINOS

Ficou claro, no capítulo anterior (A Criação segundo a Cabala 2), que cada Esfera ou Sefira superior governa a inferior. Isto, obviamente, estabelece uma hierarquia. Portanto, os Nomes divinos tais como aparecem no esquema da Cabala conhecido como A Árvore da Vida NÃO são homólogos. Não são idênticos. Não são iguais nem se referem todos a uma mesma divindade. Isto foi feito pelos cabalistas que se deixaram levar pela corrente monoteísta. Na origem, porém, cada um desses Nomes designava um deus próprio e distinto. De fato, “o revisor monoteísta da cosmogonia de Gênesis I e II não poderia atribuir participação alguma na Criação a ninguém mais que a Deus, e, em consequência, **omitiu todos os elementos ou seres pré-existentes que poderiam ser considerados divinos.** Abstrações como o Caos (tohu wa-bohu), Trevas (hoshek) e Abismo (tehom) não tentariam, certamente, a nenhum adorador, e, em consequência, ocuparam o lugar das antigas divindades matriarcais”. (in LOS MITOS HEBREOS, Robert Graves e Raphael Patai, Alianza Editorial, Madrid, 1988). O Nome divino da Sefira KÉTER (Eiyeh) tem precedência sobre todos os demais, e assim sucessivamente. Daí o equívoco de colocar-se, como é costume, EL na Sefira Hesed ou Gedulah, porquanto El é o apelativo pelo qual o Imanifesto (AYN-SOF-AUR) se torna manifesto, conforme provaremos neste bloco.

No livro acima citado, de Graves e Patai, os autores continuam: “... O nome ELOHIM (traduzido habitualmente como Deus) que se encontra no Gênesis I, é a variante hebraica de um antigo nome semítico de um deus que tinha muitos nomes: ILU entre os assírios e babilônios; EL entre os hititas e nos textos ugaríticos; IL ou ILUM entre os árabes do sul. EL encabeçava o panteão fenício e é mencionado com frequência nos poemas ugaríticos (que datam do século XIV a.C.) como o touro EL, o que nos recorda os bezeros de ouro que fizeram Aarão (Ex. XXXII.1-6, 24, 35) e Jeroboão (I Reis XII.28-29) como emblemas de Deus; e também a personificação de Deus por Sedecias como um touro com cornos de ferro (I Reis XXII. 11)”. Ainda sobre EL: “ A formosa ordem do panteão assírio-babilônico perdeu-se, em parte, com a passagem para os semitas, arameus e cananeus. O sincretismo teológico começou cedo nos vales do Oronte e do Jordão. Ainda assim, convém sempre remontar aos doze grandes deuses da Babilônia e da Assíria, para conhecer-se as principais divindades dos semitas da Ásia anterior. Esses deuses são: EL (ILU) ou Assur (na Assíria), que é O DEUS SUPREMO; três divindades cósmicas: Anu, Bel e Aô (Ia, depois Iah); três divindades siderais: Sin (a lua), Shamash (o sol), Bim (a atmosfera); cinco divindades planetárias: Marduk (Júpiter), Ishtar (Vênus), Adar (Saturno), Nergal (Marte) e Nabô (Mercúrio)”. (Cf. A RELIGIÃO DE ISRAEL, estudo de mitologia comparada, por Jules Soury, Rio de Janeiro, 1936). Percebemos, assim, que IAH (Aô), Nome com que se designa a Sefira HOCHMAH, é uma divindade secundária, figurando junto com os deuses cósmicos Bel e Anu e não poderia nem deveria estar acima do Nome de EL e nem mesmo ser confundido com o Nome IAVEH.

Por seu turno, IAVEH, assim como QUEMOCHE ou OROTAL, seria **um deus da luz e do fogo**, segundo alguns autores, (**o que o aproximou de EL, Deus da Luz**), quando da estadia dos judeus no Egito, não sendo, pois, um deus egípcio. Retomemos o livro de Jules Soury: “ O misterioso tetragrama, o vocábulo inefável, apresenta, de modo evidente a raiz HAWA, raiz muito antiga, que já não existe no hebreu corrente, mas que se encontra num dialeto vizinho, o arameu, e à qual corresponde o hebreu HAYA, SER. Para SCHRADER, não há dúvida que este verbo é a suavização da raiz CHAVA ou CHAYA,

“soprar” (cfr. Sopro, RUAH), “respirar”, “viver”, cuja pronúncia primitiva foi conservada no nome da mulher de Adão, CHAVA, EVA”. Acrescentam Graves e Patai na obra já acima citada : “ IAVEH ... é considerado como uma abreviação do nome completo IAVEH ASHER YIWEH: o que faz o que é ser como é”. Temos, assim, duas acepções para o Nome IAHVEH : “O que dá o sopro e a vida”, ou “O que faz ser”; com esta última significação concorda F. Datler no seu LÉXICO BÍBLICO-LITÚRGICO, Vozes, Rio de Janeiro, 1972, acrescentando que alguns acham tratar-se de mera exclamação litúrgica.

Do acima exposto, fica claro, supomos, não ser cabível considerar os Nomes divinos como apelativos de um mesmo Deus; não é, tampouco, possível colocar-se o Nome divino IAH nem o Nome IAVEH acima do Nome de EL.

Ainda a respeito de IAH. Este Nome divino aparece nos poemas sumerianos e acadianos como variante de Enki ou Nudimmud, filho de Anu ou An, escrito EA.

“Aproximar Iaveh de Ia, o Aô da terceira tríade babilônica é impossível, **sabendo-se que Ia (Iah) é um vocábulo acadiano, enquanto Iaveh é essencialmente semítico**” (Jules Soury, obra citada).

“Enki e a ordem do Mundo é um dos mais longos e mais bem preservados poemas narrativos sumerianos que ainda existem... Parece exaltar Enki como o deus que cuida do Universo... Enki ora louva a si mesmo, ora é louvado pelos outros deuses... Ritos e rituais oficiados por alguns dos sacerdotes e líderes espirituais mais importantes da Suméria no santuário de Enki, o Abzu. Uma nova mudança de cena revela Enki em seu barco, passando de cidade em cidade para decretar seu destino”. “O deus se descreve como Rei do Abzu. Seu pai, Rei do Universo, deu-lhe a existência no Universo. Ele é o primogênito do sagrado An. O poema épico babilônico (caldeu) da Criação, “Enuma Elish”, apresenta Enki sob a denominação de Ea também chamado Nudimmud. Descreve-se como ANSHAR gerou ANU e este gerou NUDIMMUD ou EA: “ De seus pais era o mestre; de ampla sabedoria, compreensivo, poderoso na força. Muito mais poderoso do que ANSHAR seu avô, entre os deuses, seus irmãos, não tinha rival”. (in O CONHECIMENTO SAGRADO DE TODAS AS ERAS. Mircea Eliade. Mercuryo Ed., S. Paulo, 1995).

Como foi dito no início deste capítulo, o Revisor monoteísta da Bíblia hebraica tentou apagar as marcas mais evidentes do politeísmo primitivo dos antigos semitas. Não o conseguiu. Em Gênesis 31,30-35 Raquel furta os ídolos de seu pai. “Por que me roubaste os deuses” pergunta Labão a Jacó. “Em outra passagem (Gn. 35,2-4), Jacó enterra sob um carvalho, perto de Siquém, os ídolos, talismãs e amuletos da gente de sua casa. Em vários pontos, a Bíblia nos apresenta os abramitas como idólatras e politeístas. No Livro de Josué Terak, pai de Abrão, é dado como pagão e politeísta, tal como seus antepassados que desde velhos tempos habitavam ALÉM DO RIO, isto é, do Eufrates... Encontramos quase em cada página dos velhos livros de Israel e dos profetas do oitavo século, fatos que comprovam a idolatria e o politeísmo dos hebreus... **Todas as tribos vindas da Babilônia e da Assíria adoravam os astros e o fogo**; encontraram, na Palestina, o culto dos mesmos deuses. Em SANCHUNIATHON (fragmento II, parágrafo 18), os companheiros de EL, **espécie de deuses inferiores**, chamam-se ELOHIM (derivados do nome de EL); **estes deuses menores**, com os quais IAVEH se entretém familiarmente (Gn. 3, 22), como um rei em sua corte (Jó 1, 6), **e dos quais se fizeram, mais tarde, os ANJOS**, aparecem também na descrição babilônica da Criação” . (Cfr. Jules Soury, obra citada). Pensamos, portanto, que, para entender a Cabala judaica teremos de estudar a Tradição original dos povos mesopotâmios, sem o que estaremos fadados a cometer erros terríveis, como o de considerar IAVEH e ELOHIM a mesma divindade, ou, pior, colocar o Nome de EL abaixo

do Nome de IAH e de IAVEH, ou considerar IAH como uma abreviação de IAVEH.

Encerraremos este bloco com citações da Bíblia hebraica que provam a constatação do politeísmo nos velhos livros de Israel.

Êxodo. 15,11: “Quem semelhante a ti entre os deuses, ó IAVEH? “

Êxodo. 18,11: “Agora eu sei que IAVEH é o maior de todos os deuses...”

Gênesis. 31,53: “Que o Deus de Abraão e o Deus de Nacor **sejam** nossos juízes”.

Deuteronômio. 10,17: “Porque IAVEH teu Deus é o Deus dos deuses e o Senhor dos Senhores, o grande Deus...”

Juízes. 11,24: “Você possui tudo o que seu deus Quemoche lhe deu. E nós possuímos o que IAVEH, nosso Deus, tomou de seus possuidores”.

II Reis. 1, 3 : “Não há, então, um só deus em Israel, para irem consultar BAAL-ZEBUB, o deus de Ecrom?”

Amós. 8, 14 : “Por teu deus, ó Dam!”.

Gênesis. 28,20-21 : “Jacó fez este voto : “Se Deus estiver comigo e me guardar no caminho por onde eu for, se me der pão para comer e roupas para me vestir, se eu voltar são e salvo para a casa de meu pai, então IAHVEH será meu Deus”.

Pedimos ao leitor estudioso que confira estas citações na sua Bíblia e verifique por si mesmo se o contexto não deixa claro que o personagem bíblico envolvido crê de fato na multiplicidade dos deuses...

DIVINOS

Êxodo, capítulo 3, versículos 1 e 2: “Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Elohim. O Anjo (Malek) de Javé lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça”. (...) Versículo 6: “Disse mais : **Eu sou o Elói de teus pais, o Elói de Abraão, o Elói de Isaac e o Elói de Jacó**. Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Elohim”. Versículos 13 a 15 : “Moisés disse a Elohim : “Quando eu for aos israelitas e disser : **O Elói de vossos pais me enviou até vós ; e me perguntarem : Qual é o seu nome? , que direi ?**” Disse Elohim a Moisés : “**EU SOU AQUELE QUE SOU**”. Disse mais : “**EIYEH** me enviou a vós”. Disse ainda Elohim a Moisés : “Assim dirás aos israelitas : **IAHVEH, o Elói de vossos pais, o Elói de Abraão, o Elói de Isaac e o Elói de Jacó me enviou até vós**. É o meu NOME para sempre, e é assim que me invocarão de geração em geração”.

“A tradição javista faz o culto de Iaveh remontar às origens da humanidade (Gn. 4,26 : “Também a Set nasceu um filho, e ele lhe deu o nome de Enós, que foi o primeiro a invocar o nome de Iahveh”) e utiliza este NOME DIVINO em toda a história patriarcal. Segundo a tradição eloísta, à qual este texto pertence, o NOME DE IAHVEH como Nome do Deus dos Pais, foi revelado SÓ a Moisés. A tradição sacerdotal concorda com isto (Êx. 6,2 e 3 : “**ELOHIM falou a Moisés e lhe disse : Eu sou IAHVEH. Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como EL SHADDAY; mas meu NOME IAHVEH não lhes dei a conhecer**”), especificando apenas que o NOME DO DEUS DOS PAIS era **EL SHADDAY** (cf. Gn. 17 : “Quando Abrão completou noventa e nove anos, IAHVEH lhe apareceu e lhe disse : “**EU SOU EL SHADDAY**, anda na minha presença e sê perfeito”). Este antigo NOME DIVINO da época patriarcal, mantido especialmente pela tradição sacerdotal, é raro fora do Pentateuco, exceto em Jó. A tradução comum, Deus todo-poderoso, é inexata. O sentido é incerto. Propôs-se, segundo o acádico **shadû**, “Deus da montanha”. Seria preferível entender “Deus da estepe”, seguindo o hebraico **sadeh**, dando outro sentido ao termo acádico”. (Segundo a Bíblia de Jerusalém, comentários ao Êx. 3,14 e Gn. 17,1). Aclarando : os escritores do Livro Sagrado pertencentes às tradições eloísta e sacerdotal concedem a revelação do NOME DE IAHVEH **apenas** a Moisés, considerando que o NOME divino revelado aos patriarcas era o de **EL SHADDAY**. Consoante esta informação, o escritor sagrado de tradição javista e, principalmente o Redator final, utilizou o NOME divino IAHVEH desde o princípio da Bíblia quando fez a última revisão, por volta do ano 430 a.C. Fica claro, portanto, que a revisão final do Livro Sagrado por Esdras ou alguém da sua escola, usou e abusou do nome IAHVEH.

Ainda temos a considerar que Abrão, ao encontrar Melquisedek, sabe que este é sacerdote de **EL ELYON**, outro NOME divino que aparece no A. T. Acresce que, segundo a arqueologia “A principal divindade de Gebel ou Biblos era **ELIOUN**, também chamado **HYPSTOS** ou **O ALTÍSSIMO**. Que **ELIOUN** não seja diferente de **EL ELYON** do Gênesis 14, traduzido por **DEUS ALTÍSSIMO**, fica bem claro”. (In **A BÍBLIA DISSE A VERDADE** – Sir Charles Marston, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1964). De acordo com esta informação, Abrão e Melquisedek adoravam o mesmo Deus **EL**, com epítetos diferentes : **EL SHADDAY** e **EL ELYON**, respectivamente. Daí se compreende o respeito do Patriarca bíblico para com o enigmático Sacerdote de Salém, que o abençoou, e

recebeu em troca da bênção dez por cento de tudo que Abrão possuía. A palavra semita para designar Deus, originariamente, era El ou Illah, segundo o Dr. Langdon, professor de Assriologia em Oxford, e as tabuinhas cuneiformes encontradas em Ras-Shamra confirmaram, que, malgrado o politeísmo reinante, EL era a divindade suprema, e muito particularmente, a dos Cananeus.

“Lê-se nas obras de Sanchuniaton, sábio fenício do século X a. C., “Geração 11: Destes homens nasceram Misor e Sydyc (que quer dizer “franco” e “justo”). Dr. Langdon observa que tanto Mishor quanto Sydyc (justiça) são assistentes do deus babilônico SHAMASH . Nota o Dr. Langdon que, entre os Sírios, Fenícios e Cananeus EL parece ter-se tornado um nome especial para designar SHAMASH”.(Sir Charles Marston, obra citada). Ainda segundo este mesmo autor, o sacerdócio na Babilônia conhecia uma forma de culto na qual se oferecia o Pão do Céu e a Água da Vida, antes do ano dois mil antes de Cristo. Parece legítimo correlacionar esta corrente sacerdotal com Melquisedek, que ofereceu a Abrão pão e vinho, oblações do culto que ele prestava a ELYON. Os sábios concordam que o Sydyc da lista de Sanchuniaton é, sem dúvida a origem do nome Sadek (justiça), e, portanto, o culto de Melquisedek (Malek Sadek) estaria ligado a este Ministro de EL. Consertando a grafia dos NOMES divinos usados na Bíblia, e sabendo que o NOME de EL é, de fato, o Deus dos patriarcas, dos sírios, dos fenícios, da elite sacerdotal babilônica, e dos cananeus, compreende-se, perfeitamente a simpatia existente entre Abrão, adorador de EL SHADDAY e de Melquisedek, sacerdote de EL ELYON . A interpolação do NOME IAHVEH pelo revisor bíblico tornou obscura a passagem do Gênesis 14, pois caso Abrão adorasse IAHVEH não teria compreendido o sacerdócio de Melquisedek, nem o teria valorizado.

A palavra SADEK sempre esteve ligada à dinastia reinante em Jerusalém (jebusita). Josué combateu o rei dessa cidade, nomeado na Bíblia Adoni-Sadek (Jos. X, 1), e os documentos de Tel-el-Amarna referem-se a um rei dessa dinastia que apelou para o faraó, no século XV, solicitando auxílio contra seus inimigos. Assim, SYDYC sendo o original de SADEK, **essa dinastia de sacerdotes da tradição monoteísta primitiva**, à qual Abrão aderiu ao abandonar as crenças de seu pai TARÉ, e dos seus irmãos HARÃ E NAKOR, eram sobreviventes de uma aristocracia sacerdotal da mais alta origem. Não admira que Davi tenha colocado um dos seus descendentes, SADOQ, no Sumo Sacerdócio judaico (2 Samuel 20,25 : “Sadoc e Abiatar eram Sumo Sacerdotes ...”) e que sua linhagem tenha permanecido até os Macabeus. É o que afirma, discorrendo sobre o sacerdócio, o representante da Igreja Católica, Padre F. Datler, na obra A CARTA AOS HEBREUS, pg. 15, Ed. Paulinas, S. Paulo, 1980 : “Uma última observação no tocante à escolha de SADOQ . Na opinião dos exegetas modernos, Davi teria convocado SADOQ para dar continuidade ao sacerdócio de MELQUISEDEK, rei e sacerdote em Jerusalém, cidade que ele tinha conquistado recentemente (2 Sam. 5,5 e seguintes). Nesta suposição, SADOQ teria sido descendente direto de MELQUISEDEK”.

O NOME QUE É SOBRE TODO

OUTRO NOME

Assim, concedendo, respaldados pela opinião unânime dos sábios, que SYDYC é o original de SADEK; que esse Ministro de EL fundou uma linhagem de sacerdotes

e um culto monoteísta no qual se oferecia em oblação a EL “o pão da vida e o cálice da salvação”; que esse sacerdócio superior tinha seus representantes na Babilônia há mais de dois mil anos antes de Cristo (segundo Charles Marston, A Bíblia disse a verdade”); que este culto deu origem a **todas as lendas relativas ao Graal, no mundo inteiro**; e, finalmente, que uma dinastia de sacerdotes desse culto se estabeleceu em Canaã, por volta de dois mil anos antes de Cristo, na cidadela jebusita de Salém (atual Jerusalém); temos, na Bíblia Sagrada o registro do encontro de um sacerdote dessa dinastia, que usava sempre o título de SADEK aglutinado ou não ao próprio nome,(como MELQUISEDEK ou ADONI-SADEK) e o Patriarca hebreu Abrão (Gn. 14,17 a 20). Tal registro nos oferece o **dado muito importante** de que o referido Ministro de Deus “ofereceu pão e vinho, porque era sacerdote de EL-ELYOUN, como o fará JESUS, na Santa Ceia (Lc. 22,17 a 20; Mc. 14,22 a 24 e Mt. 26,26 a 28), dois mil anos mais tarde, seguindo essa tradição, porquanto JESUS era Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedek, logo, Sacerdote de EL-ELYOUN. Que o leitor não considere isto como aproximações fictícias, pois lhe oferecemos dados fatuais respaldados em ampla e respeitável literatura.

No cenário da História, documentos antigos encontrados em Tel-El-Amarna, se referem a um Rei dessa dinastia por volta do ano mil e quinhentos anos antes de Cristo, e um outro, que luta para defender sua Cidade Santa da invasão das Tribos judaicas, citado no livro de Josué, cerca de mil e trezentos ou mil e duzentos anos a. C. (Josué, X,1). A linha da História silencia até o ano mil antes de Cristo, quando, no reinado de Davi, este monarca faz uma aliança com os jebuseus em troca da cidade deles, que passará a chamar-se Cidade de Davi. Em seguida, o monarca israelense nomeia para o importante cargo de Sumo Sacerdote do culto judaico, SADOQ, descendente direto de MELQUISEDEK e sacerdote na época davídica em Gabaon, expondo-se ao absurdo de manter dois Sumo Sacerdotes no mesmo período, SADOQ, da Ordem de Melquisedek, e ABIATAR, da Ordem de Aarão (2 Samuel. 20,25). Salomão, filho mais novo e sucessor de Davi no trono de Israel, se incumbirá de mandar para o exílio a ABIATAR e confirmar no Supremo Sacerdócio judaico SADOQ (1 Reis.1,7 e 8. 39 e 1 Reis. 2,26 e 27). Estamos no ano novecentos e pouco antes de Cristo. Daí em diante, temos a linha de SADOQ, seus descendentes diretos, ininterruptamente, até o ano 175 a. C., quando ONIAS III é assassinado no exílio em Dafne e o Supremo Sacerdócio é usurpado pelos Macabeus (2 Macabeus. 4,34). ONIAS IV se refugia em Elefantina, no Egito, de onde comanda uma rebelião pacífica dos sacerdotes fiéis ao seu irmão, segundo documentos encontrados em uma Sinagoga do Cairo : “Já em 1896, Salomon Schechter descobriu no depósito de uma sinagoga do Cairo um documento que ele editou em 1910, atualmente chamado Documento Sadoquita. Uma comunidade muito bem organizada e liderada pelo “Mestre da Justiça”, RABISADEK, vive exilada no País de Damasco, onde aguarda pacientemente o advento de um “Mestre da Justiça” do fim dos dias para restabelecer o culto legítimo” (Datler, “Os dissidentes de Kumram”, in A Carta aos Hebreus, Paulinas, S. Paulo, 1980).Esses sacerdotes rebeldes, que se autodenominam PUROS ou ESSÊNIOS deixam a cidade e se estabelecem em grutas no deserto, vindo, alguns deles, para o Templo de Jerusalém apenas com o fim de cumprir uma escala de serviço estabelecida no tempo de Davi. Ademais, essa nova Ordem (que esconde sob o nome de ESSÊNIOS o nome de Ordem de Melquisedek, a quem se ligam ideológica e espiritualmente), têm como líder visível, como já dissemos ONIAS IV, último consanguíneo da Ordem de Melquisedek. Os líderes da Comunidade Essênia são investidos do poder sacerdotal da Ordem de Melquisedek, razão pela qual utilizam o título privativo de RABISADEK (Mestre da Justiça). Um sacerdote dessa

Ordem, chamado ZACARIAS, levita, da Tribo de Abias, um das 24 ordens sacerdotais encarregadas do serviço do Templo, recebe o aviso de que sua esposa está grávida. Ele duvida, e, como castigo do Céu, fica mudo até o dia do nascimento do filho (Lucas. 1,5 a 22), que ele leva de volta para a comunidade essênica, no deserto da Judéia (Lucas. 1,80). O menino cresce e se torna um RABISADEK. Seu nome : YOKANÃ ou EL-KANÃ, em hebraico; YOANES, em grego; JOHANES em latim. Passemos palavra para o Padre F. Datler : “... eu gostaria de destacar a figura de João Batista, o qual, desde a sua infância, vivia em lugares ermos. **Não resta dúvida de que ele era um essênio, como são intitulados hoje os sectários de kumram**, vivia asceticamente, como eles, batizava com água em preparação para o DIA DE JAVÉ (...) e, sobretudo, se bem que fosse sacerdote, jamais pusera os pés no Templo de Jerusalém”. Este RABISADEK tem uma incrível incumbência : descobrir e apontar, no meio da corrupção reinante na cidade, o Messias de Israel e assim proclamar O DIA DE JAVÉ. Tem, ainda a subida honra de proceder à sua iniciação na ORDEM DE MELQUISEDEK, agora não por linhagem consanguínea, mas por ascendência ideológica-espiritual. É tal o brilho do CANDIDATO à iniciação na sublime Ordem sacerdotal, profetizado por Davi no Salmo 110 : “Tu serás sacerdote para sempre, segundo a Ordem de Melquisedek”, que o humilde iniciador se queda a seus pés, dizendo : “Eu é que devo ser batizado (introduzido) por Ti, e Tu vens a mim, que não sou digno sequer de desatar o cadarço do teu sapato”. A resposta é uma chave : “Deixa que assim seja, pois necessário se faz cumprir toda a **justiça** (tsedak ou sadek, em hebraico). João Batista cede; e inicia na Ordem o Messias, o Redentor, o Esperado pelas gentes : o Cristo, JESUS (IESHUÁ, em aramaico, que traduzido quer dizer “Salvador”).

Embora muitos queiram dar ao Nome de JESUS a tradução de “Javé salva, ou salvação de Javé”, queremos fazer aqui uma observação. JOSUÉ, nome que aparece no A. T., pronunciado IEHOSHWÁ, é um nome hebraico, e tem como significado “IAHVEH salva”. Contudo, JESUS, aramaico IESHWÁ ou IESHUÁ, deriva direta e unicamente do verbo salvar, tanto que o texto de Mateus 1,21, diz : “... e chamarás o seu Nome JESUS (IESHUÁ); porque ele salvará (IÔSHIÁ) seu povo dos seus pecados” (na versão hebraica do Novo Testamento em hebraico e português d’A Sociedade para a distribuição das Sagradas Escrituras aos judeus, impressa na Grã-Bretanha, na University Press, Cambridge). Queremos dizer que o Nome JOSUÉ tem a ver com Javé, porém o NOME JESUS tem a ver somente com SALVAÇÃO. Com tal ponto de vista concorda o Padre F. Datler no seu Dicionário já citado : “SALVADOR – Assim a Igreja interpretou o **significado do nome de Jesus** : “Por-lhe-ás o NOME de JESUS, porque **ele salvará** o seu povo do pecado deles”. E “Havendo-se tornado tanto mais poderoso do que os Anjos, quanto mais é diferente do NOME deles o NOME que herdou” (...) “Tendo sido proclamado por Deus Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedek” (Carta aos Hebreus). “Deus Lhe conferiu o NOME QUE ESTÁ ACIMA DE TODO NOME, a fim de que AO NOME DE JESUS todo joelho se dobre nos Céus, na Terra e sob a Terra, e que toda língua proclame que JESUS CRISTO É ADONAI PARA A GLÓRIA DE DEUS PAI” (Carta de Paulo aos Filipenses). Deixaremos para outro capítulo falar sobre este Deus Pai, ELOHIM HÁ-AB, que é o mesmo Deus EL, o qual se manifestou em JESUS como o EMANU-EL, isto é, EL está conosco.